

**KOWARICK, Lúcio. *Escritos Urbanos*. São Paulo Editora 34, 2000. 144 p.**

Flaviana Gasparotti Nunes\*\*

“**Escritos Urbanos**” é constituído de uma coletânea de textos que expressam as principais idéias que Kowarick desenvolve desde os anos 1970, no entanto, numa perspectiva de “revisita” aos temas expressando uma nova síntese destes. Como afirma Lúcia do Prado Valadares no prefácio do livro: “[...] *velhos e novos temas são aqui repensados e reciclados, à luz de um diálogo constante que o autor vem estabelecendo com a sociologia urbana e à luz das grandes transformações por que passa São Paulo, metrópole do ‘subdesenvolvimento industrializado’*” (p. 7). Tendo São Paulo como cenário privilegiado de observação para as reflexões, as fotos de Tomás Rezende presentes no livro vêm enriquecer a edição nos trazendo imagens que retratam de imediato o que se pode entender por espoliação urbana.

Sendo assim, o conceito de espoliação urbana, introduzido no vocabulário da sociologia urbana no final dos anos 1970 é retomado numa nova perspectiva. O conceito, em sua versão original referia-se à ausência ou precariedade de serviços de consumo coletivo que, conjuntamente com o acesso à terra, se mostram socialmente necessários à reprodução urbana dos trabalhadores, havendo uma ênfase na questão do reservatório de mão-de-obra. Nesta retomada, Kowarick identifica que não há uma ligação linear e imediata entre contradições urbanas e transformações sociais, desta forma, deve-se considerar a problemática da subjetividade social, sem contudo, se desprender das âncoras estruturais. Esta preocupação com a subjetividade social, deve-se à inspiração que o autor busca nas idéias do historiador inglês E. P. Thompson, mas grande parte dos textos ainda vinculam-se à escola francesa de sociologia marxista urbana, tendo como

principal representante Castells.

No capítulo 1 “**Produção do espaço urbano e lutas sociais**” são discutidas as modalidades de produção do espaço urbano e de suas contradições tendo por referência os anos 70 e 80 em que ocorrem lutas de bairros e fábricas na cidade de São Paulo. Neste capítulo, o autor afirma que a espoliação urbana está intimamente ligada à acumulação do capital e ao grau de pauperismo decorrente, sendo resultado do processo de acumulação do capital, mas também da dinâmica das lutas e reivindicações em relação ao acesso à terra, habitação e bens de consumo coletivo. Sendo assim, procura chamar a atenção para a necessidade de se resgatar a conexão entre a experiência de luta nos bairros e a formação de uma consciência de exclusão que se dá a partir da relação entre as lutas sociais ocorridas nos bairros e nas fábricas. Para chegar a esta discussão, o autor mostra os mecanismos que levaram ao aumento de moradores de favelas e cortiços enfatizando o aumento do preço da terra e o achatamento dos salários ocorrido na década de 1980 e o papel que a autoconstrução passa a desempenhar neste contexto enquanto elemento carregado de simbolismo.

O capítulo 2 “**As desventuras da cidadania**” traz a discussão da questão das periferias, consideradas pelo autor como “mundo da subcidadania”, mostrando como aconteceu o processo de periferização em São Paulo por meio da autoconstrução que gerou especulação imobiliária e segregação socioespacial. Segundo dados apresentados no texto, se forem somadas as populações residentes em cortiços, favelas, loteamentos clandestinos e imóveis irregulares teremos um total de 65% dos moradores de São Paulo em situação de ilegalidade. Esta constatação alarmante é resultado da espoliação urbana

\*\* Professora da Curso de Geografia da UNIOESTE – Universidade Estadual do Oeste do Paraná – Campus de Marechal Cândido Rondon e doutoranda em Geografia na FCT/UNESP/Presidente Prudente. Endereço para correspondência: Rua Pernambuco, 1777. Centro. Marechal Cândido Rondon – PR. CEP 85960-000. E-mail: flaviana@rondonet.com.br

que se apresenta nos anos de 1990.

No capítulo 3 **“Lutas urbanas e movimentos populares”** o autor, apoiado no conceito de contradição urbana, verifica que os conflitos e contradições urbanas, em grande parte, se dirigem contra o Estado, afirmando que as contradições urbanas poderão se constituir na base material a partir da qual se forja um projeto de luta que alimenta os movimentos populares. Neste sentido, as lutas devem perder seu significado reivindicativo específico e a dimensão do conflito deve colocar a questão da alternativa de poder.

O capítulo 4 **“Os caminhos do encontro”** focaliza as lutas sociais urbanas ocorridas durante a década de 1970 procurando mostrar a fusão de conflitos e reivindicações que se alimentam das experiências advindas da exploração do trabalho e da espoliação urbana. No entanto, chama atenção para o fato de que não há uma relação direta entre as precariedades de condições de existência e lutas organizadas, sendo necessário uma análise por dentro dos movimentos, levando em consideração a questão da experiência, como no caso da fusão bairro-fábrica discutida pelo autor. Neste sentido, Kowarick afirma que se deve romper com a separação entre a esfera da produção e da reprodução da força de trabalho neste tipo de análise. Neste caso, percebemos o quanto o autor se inspira nas idéias de Thompson, rompendo com a análise marxista mais ortodoxa.

No capítulo 5 **“Cidadão privado e subcidadão público”** Kowarick discute o papel da moradia no processo de inclusão-exclusão, desenvolvendo a idéia de cidadão privado, que se constitui principalmente a partir dos significados materiais e simbólicos da casa, numa ordem legítima de vida construída na perspectiva da vida privada. Neste sentido, a autoconstrução exerce papel importante, à medida em que consubstancia essa perspectiva privada, em detrimento do espaço público, da rua, onde o domínio é do subcidadão público.

O capítulo 6 **“Fatias de nossa história recente”** traz o questionamento às macrodeterminações em que o próprio conceito de espoliação urbana assentava-se introduzindo a importância de se identificar como se produzem as experiências coletivas a partir de vivências dessas formas de exclusão social, econômica ou política levando Kowarick a afirmar que:

[...] Em outros termos, em vez de atrelar a análise das condições urbanas de existência às vicissitudes da expansão capitalista e deduzir as lutas sociais da precariedade que as caracterizam, parece analiticamente mais promissor indagar o significado que essa materialidade tem para os múltiplos

atores que se enfrentam na arena social.” (p. 106)

O último capítulo **“Investigação urbana e sociedade: comentários sobre Nuestra América”** é uma reflexão de caráter teórico-metodológico em que o autor mostra as limitações das análises centradas no Estado, de cunho macroestrutural, apoiadas no instrumental marxista que tiveram influência significativa no pensamento urbano da América Latina e introduz novas perspectivas de análise a partir das idéias de Thompson, voltando-se para o âmbito local, o modo de vida ou as estratégias de sobrevivência das camadas populares. Neste sentido, afirma que se passa da estrutura sem sujeitos que dominava a trajetória intelectual latino-americana, para a análise de sujeitos liberados de qualquer constrangimento estrutural. No entanto, não deixa de ressaltar que *“é necessário também estudar a ‘vida em crise’, desde que não seja mero retrato empiricista da pobreza ou elaborar de explicações culturais sem raízes nas condições objetivas”* (p. 129). Daí compreendemos porque Kowarick afirma na introdução que: *“[...] A noção de espoliação urbana, que está, aberta ou veladamente, presente em todos os ensaios desta coletânea, mostra esta mudança de coloração teórica, que ao se desamarrar sem se desprender das âncoras estruturais, passa a enfatizar a problemática da subjetividade social. [...]”* (p. 14)

A partir da leitura do livro, percebe-se o quanto a análise urbana pode ser enriquecida a partir da nova perspectiva teórico-metodológica apontada por Kowarick, tendo em vista a própria complexidade de situações que se apresentam na constituição do espaço urbano, no que diz respeito mesmo aos seus “determinantes macroestruturais”. No entanto, fica seguinte questão: já que Kowarick, de certa forma, abre-se para outras perspectivas, que não somente estejam ligadas às abordagens da sociologia urbana de Castells, por que não resgata as contribuições de Lefebvre que no sentido da análise espacial, poderiam ser mais enriquecedoras do que as de Thompson, que estão mais relacionadas à dimensão temporal?

De certo modo, a opção de Kowarick por Thompson é compreensível, levando-se em consideração a oposição de concepções polarizadas por Lefebvre e Castells com relação ao espaço e por conseguinte ao espaço urbano. Entretanto, acredita-se que se a questão é “não se desprender das âncoras estruturais”, Lefebvre é um bom referencial visto que parte de uma abordagem marxista que não privilegia o econômico, mas não deixa de considerá-lo, além do que discute a vida cotidiana neste contexto.